

Onde queremos ir?

O governo gostaria que no ano de 2007 o PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil crescesse pelo menos 5% em relação a 2006. Este crescimento talvez não seja suficiente para resolver nossos problemas, mas com certeza aliviaria a pressão para que estes fossem solucionados. Isto quer dizer, por exemplo, que continuaríamos com uma péssima distribuição de renda, mas ela seria aliviada com mais pessoas trabalhando, ou ainda, não solucionaríamos o problema da dívida pública, mas seria mais fácil mantê-la sob controle com uma maior arrecadação de tributos que o crescimento econômico oferece. Em outras palavras, ganharíamos tempo, sem saber realmente para que, ou para tentar resolver os problemas ou empurrá-los para o futuro. A verdade é que crescer economicamente é sempre um bom começo.

Para atingir este objetivo de crescimento e esta estimativa parte-se de alguns parâmetros chamados de produto potencial. A população é um dos indicadores para este parâmetro, ou seja, com mais pessoas trabalhando a produção pode crescer. Os recursos naturais também, porque se extrairmos mais petróleo, maior será o PIB. O que se pode perceber com estes exemplos é que nem sempre um PIB maior se reflete em melhores condições de vida para a população. A tecnologia há muito tempo (séculos) influencia no aumento da produtividade da mão-de-obra e portanto uma população maior já não quer dizer uma produção maior, pois boa parte desta população não fará parte deste crescimento. Também não se pode condenar a tecnologia, pois estaríamos num nível de evolução da sociedade muito mais restrito se ainda utilizássemos processos de fabricação arcaicos para não faltar trabalho. Os recursos naturais, como o petróleo, são importantíssimos, mas ainda assim o fruto desta riqueza pode beneficiar poucos. A comprovação para isso está nos países exportadores de petróleo que não possuem uma qualidade de vida compatível com sua riqueza natural. População em idade de trabalho e recursos naturais, sem dúvida podem fazer a diferença para que um país cresça, mas a capacidade de produzir e ter uma população com uma qualidade vida cada vez melhor relaciona-se com valores menos concretos.

Quando se produz algo com inovação e qualidade se agrega valor ao produto. Este valor que surgiu da inovação, em geral, parte de mentes preparadas pelo estudo e de mão de obra qualificada para a execução. Existe a soma da habilidade e do conhecimento. Não há como se competir com o custo da mão-de-obra chinesa ou com o petróleo do oriente médio, mas mesmo assim, um país como o Japão continua competitivo, sem recursos naturais ou mão-de-obra barata.

É preciso questionar onde e como queremos chegar. Ou adotamos estratégias de desenvolvimento claras ou não saberemos para onde ir. Infelizmente, em 2001 no mercado formal de trabalho, a massa salarial (soma dos salários pagos no ano) era maior que 2004, com a agravante de que em 2004 haviam mais pessoas no mercado formal, ou seja, houve a troca do emprego de melhor nível salarial por empregos de menor renda. Afinal de contas, vamos qualificar nossa mão-de-obra para competir com japoneses ou chineses?

Existe uma tendência simplificadora apontando o juro e os bancos como os únicos responsáveis pelo nosso baixo crescimento (sem duvida ajuda), mas precisamos criar condições para crescer além da política macroeconômica. O desenvolvimento de longo prazo precisa ser colocado como uma missão adotando-se as estratégias necessárias para atingi-lo. Países que conseguiram sucesso recente, passando de uma condição de países de baixo desenvolvimento para desenvolvidos começaram encarando os problemas estruturais

do setor público . Não é possível continuar a achar que estamos no caminho certo, rezando para que o país cresça para que os problemas não fiquem mais aparentes.

Paulo André de Oliveira
Economista